

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Darkling Plain*

Autor: *Philip Reeve*

Copyright © Philip Reeve, 2006

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Jaime Araújo*

Revisão: *Silvina de Sousa/Editorial Presença*

Ilustração da capa: *Ian McQue*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 451 150/19

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2019

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE	15
1 Supermosquitos sobre Zagwa	17
2 Assuntos do coração	24
3 A misteriosa Senhora Morchard	31
4 A Senhora Naga	37
5 Um rapaz e a sua Caçadora	48
6 Seda cor de chuva	52
7 Animação em Brighton	60
8 Na linha	67
9 Pequeno-almoço no Moon's	75
10 O anjo negro	85
11 Wolf Kobold	95
12 As naves-das-areias	107
13 Hora de partir	117
14 O General Naga	121
15 O subúrbio invisível	126
16 Fishcake no teto do mundo	133

17	Em terras da Storm	143
18	Aquelas ruínas colossais	151
19	A Holloway Road	160
20	Os filhos da MEDUSA	165
21	Visita ao Doutor Popjoy	171
22	Wren Natsworthy investiga	182
23	A experiência de Childermass	189
SEGUNDA PARTE		197
24	Manchester	199
25	Theo em Airhaven	207
26	Arruinado!	213
27	A Plataforma 13	221
28	Os pássaros da Storm	236
29	Reunião na <i>Oberrang</i>	245
30	Ela ressuscitou	248
31	A casa de Erdene Tezh	258
TERCEIRA PARTE		261
32	Diário de Londres	263
33	O ensaio	266
34	Deslocados	270
35	Ligação ascendente	277
36	Intrusos	279
37	Amor entre as ruínas	288
38	As infinitas vozes do vento	292
39	A luz de fogo	298

QUARTA PARTE	307
40 Que fizeram ao céu?	309
41 De volta a Batmunkh Gompa	316
42 O tambor fúnebre	323
43 O regresso a casa	329
44 A coluna de fogo	337
45 A ceifa	345
46 O atalho	354
47 A batalha de Crouch End	361
48 Viagem a Erdene Tezh	368
49 Recém-nascida	380
50 A casa da Caçadora	385
51 A perseguição	390
52 Últimas palavras	398
53 O resplendor crepuscular	409
54 Shrike no mundo vindouro	416
AGRADECIMENTOS	421

SUPERMOSQUITOS SOBRE ZAGWA

Theo subia desde madrugada; primeiro as íngremes estradas, veredas e caminhos de cabras por trás da cidade, depois as encostas de cascalho solto e por fim a vertente nua da montanha, atendo-se onde podia a fendas e falhas por onde se estendiam sombras azuis. O Sol já ia alto quando chegou ao cume. Parou por um momento para beber água e recuperar o fôlego. À sua volta as montanhas tremiam tapadas pela névoa de calor que se elevava das pedras quentes.

Com muito, muito cuidado, Theo subiu para uma língua de rocha que se projetava do cume da montanha. De cada lado, penhascos abruptos desciam a pique centenas de metros para uma confusão de rochas pontiagudas; árvores; rios brancos. Uma pedra, deslocada, caiu silenciosamente, rebolando, para sempre. À sua frente, Theo via apenas o céu limpo. Endireitou-se, respirou fundo, correu os últimos metros para a borda da rocha e saltou.

Cortou o ar, sempre a descer, ofuscado pelo piscar de montanha e céu, montanha e céu. Os ecos do seu primeiro grito caíram no silêncio e ele só conseguia ouvir as batidas aceleradas do coração e a rajada de ar nos ouvidos. Tombando no vento, saiu da sombra do penhasco para a luz do sol, e vislumbrou em baixo — muito em baixo — a sua terra, a cidade estática de Zagwa. Dali de cima, as cúpulas de cobre e as casas pintadas pareciam brinquedos; os dirigíveis entrando e saindo do porto eram pétalas sopradas pelo vento; o rio serpenteando pelo desfiladeiro, um fio de prata.

Theo observou tudo com afeto, até ficar escondido por uma saliência na montanha. Houve um tempo em que julgara que nunca

regressaria a Zagwa. No campo de treinos da Green Storm ensinaram-lhe que o seu afeto pela terra e pela família era um luxo; algo que tinha de esquecer se quisesse cumprir o dever numa guerra por um mundo novamente verde. Mais tarde, como escravo na cidade-jangada de Brighton, sonhara com a sua terra, mas julgara que a família não o iria querer de volta; eram antitracionistas à moda antiga, e ele calculou que ao fugir para se juntar à Storm se tornara proscrito para sempre. No entanto, ali estava, de novo entre as suas montanhas africanas; agora, era a sua estada no Norte que lhe parecia um sonho.

E fora tudo obra de Wren, pensou ao cair. Wren; aquela rapariga estranha, corajosa e cómica que conhecera em Brighton, sua companheira de escravatura. — Volta para casa, para os teus pais — disseram-lhe Wren, depois de fugirem juntos. — Eles ainda te amam, e vão receber-te de braços abertos, tenho a certeza. — E não se enganara.

Um pássaro surpreendido passou disparado à sua esquerda, lembrando Theo de que estava a meio do ar sobre um monte de rochas de aspeto pouco simpático e que descia rapidamente. Abriu o grande planador que trazia preso às costas e soltou um grito de triunfo quando as asas o puxaram com um sacão para cima, transformando a sua queda vertiginosa num voo gracioso e planado. O rugido do vento a passar-lhe em torrente pelos ouvidos extinguiu-se pouco a pouco, dando lugar a ruídos mais suaves; o murmúrio das grandes asas de seda de silício, o rangido das cordas e das estacas de bambu.

Quando era mais novo, Theo trouxera muitas vezes o seu planador ali para cima, pondo a coragem à prova nos ventos e nas correntes aéreas ascendentes. Muitos jovens de Zagwa faziam o mesmo. Desde que regressara do Norte, havia seis meses, ele olhara ocasionalmente com inveja para as asas brilhantes planando junto às montanhas, mas nunca se atrevera a juntar-se-lhes. O tempo que passara fora mudara-o demasiado; sentia-se mais velho do que os outros rapazes da sua idade, e, no entanto, acanhava-se perante eles, com vergonha das coisas que tinha sido: piloto de Derrubantes, prisioneiro e escravo. Mas naquela manhã os outros planadores estavam na cidadela para ver os estrangeiros. Theo, sabendo que teria o céu só para si, acordara ansioso por voltar a voar.

Ele deslizava sobre o vento como um falcão, observando a sua sombra ondulante atravessar os contrafortes soalheiros da montanha. Falcões verdadeiros, pairando por baixo dele no ar vítreo, desviavam-se com gritos agudos de surpresa e indignação quando ele passava; um esguio rapaz negro debaixo de uma asa azul-celeste invadindo-lhes o espaço.

Theo deu uma volta completa no ar e desejou que Wren o pudesse ver. Mas Wren estava longe, percorrendo as Estradas dos Pássaros no dirigível do pai. Depois de fugirem da *Cloud 9*, o palácio aéreo do Presidente da Câmara de Brighton, e de chegarem à Cidade de Tração de Kom Ombo, ela ajudara Theo a arranjar lugar a bordo de um cargueiro com destino ao Sul. No cais, enquanto o dirigível se preparava para zarpar, eles tinham-se despedido, e ele beijara-a. E apesar de Theo já ter beijado outras raparigas, algumas muito mais bonitas do que Wren, aquele beijo não lhe saía da cabeça; reaparecia continuamente em momentos inesperados como aquele. Quando Theo a beijara, ela perdera todo o seu riso e ironia maliciosa, e ficara trémula, séria e muito quieta, como se estivesse a tentar ouvir algo que ele não conseguia ouvir. Por um instante, ele quisera dizer-lhe que a amava, e pedir-lhe que fosse com ele, ou oferecer-se para ficar — mas Wren estava tão preocupada com o pai, que sofrera um acesso qualquer, e tão zangada com a mãe, que os abandonara e caíra com a *Cloud 9* no deserto, que ele teria achado que estava a aproveitar-se dela. A última recordação que tinha desse dia era de olhar para trás enquanto o seu dirigível subia para o céu e vê-la a acenar, tornando-se cada vez mais pequena, até desaparecer por completo.

Isso tinha sido há seis meses! Meio ano, já... Estava mais do que na altura de parar de pensar nela.

Então, durante um pequeno instante, ele não pensou em mais nada, brincando apenas no ar, inclinando-se para o lado de dentro, descendo e virando para oeste com uma montanha entre si e Zagwa; uma montanha verde onde farrapos e flâmulas de nevoeiro se descolavam do topo da floresta nublada.

Meio ano. O mundo mudara muito nesse tempo. Alterações súbitas e violentas como a deslocação de placas tectónicas; quando subitamente se libertaram as tensões acumuladas ao longo dos muitos anos da guerra da Green Storm. Para começar, a Caçadora Fang desaparecera. Havia agora um novo líder no Pagode de Jade, o General Naga, que tinha fama de duro. O seu primeiro ato como líder foi inverter o avanço da *Traktionstadtsgesellschaft* sobre os Pântanos de Água Ferrugenta e esmagar as cidades eslavas que há anos atormentavam as linhas da Storm mais a norte. Mas depois, para espanto do mundo, ele mandara regressar as suas frotas aéreas e fizera a paz com as Cidades de Tração. Os rumores que chegavam dos territórios da Green Storm diziam que prisioneiros políticos tinham sido libertados e leis severas revogadas; até se afirmava que Naga planeava dissolver a Storm e

restaurar a velha Liga Antitração. Agora enviava uma delegação para encetar conversações com a Rainha e o Conselho de Zagwa — uma delegação chefiada pela própria mulher, a Senhora Naga.

Fora por isso que Theo se levantara de madrugada e levava o seu velho planador para as terras altas sobre a cidade. As conversações começavam naquela manhã, e os pais e as irmãs tinham ido à cidadela para ver se vislumbravam os estrangeiros. Estavam animados e cheios de esperança. Zagwa retirara-se da Liga Antitração quando a Green Storm chegara ao poder, chocada com a sua doutrina de guerra total e com os seus exércitos de cadáveres reanimados. Mas agora (segundo ouvira o pai de Theo), o reanimado General Naga propunha uma paz formal com as cidades bárbaras, e havia até sinais de que estava disposto a desmantelar os Caçadores da Storm. Se isso acontecesse, Zagwa e as outras cidades estáticas africanas poderiam voltar a unir-se em defesa dos lugares verdes do mundo. O pai de Theo desejava muito que a esposa e os filhos estivessem na cidadela naquele momento histórico e, além disso, queria ver a Senhora Naga, que, segundo ouvira, era muito jovem e bonita.

Mas Theo já vira tudo o que desejava ver da Green Storm, e não acreditava em nada que Naga ou os seus emissários diziam. Por isso, enquanto o resto de Zagwa se amontoava nos jardins da cidadela, ele flutuava e planava no ar dourado, e pensava em Wren.

Depois, em baixo, viu movimento onde nada devia mexer-se; nada exceto pássaros, e aqueles eram demasiado grandes para serem pássaros. Subiam do nevoeiro branco sobre a floresta nublada, dois minúsculos dirigíveis, com balões às riscas amarelas e pretas, como vespas. Theo reconheceu imediatamente as suas barquinhas e as capotas aerodinâmicas dos motores, pois fora obrigado a memorizar as silhuetas de dirigíveis inimigos durante o treino na Green Storm. Aqueles eram Supermosquitos Cosgrove, que as cidades da *Traktionstadtsgesellschaft* usavam como bombardeiros.

Mas que faziam ali? Tanto quanto Theo sabia, as *Traktionstadtsgesellschaft* nunca tinham enviado dirigíveis para África, e muito menos para uma região tão a sul.

De seguida pensou: *Estão aqui por causa das conversações*. Aqueles foguetões que via brilhando como facas nas armações debaixo das barquinhas seriam em breve lançados sobre a cidadela, onde se encontrava a mulher de Naga; onde se encontrava a Rainha; e a família de Theo.

Ele tinha de os impedir.

Era estranho, como encarava aquilo com calma. Momentos antes sentira-se completamente em paz, desfrutando da luz do sol e do ar puro, e agora talvez estivesse prestes a morrer, e, no entanto, parecia tudo muito natural; outra porção da manhã, como o vento e a luz do sol. Inclinou o planador e desceu em direção ao segundo dos Supermosquitos. Eles ainda não o tinham visto. Os Mosquitos eram dirigíveis com dois aviadores, e Theo duvidava de que eles estivessem muito atentos. O planador aproximava-o cada vez mais, até ele conseguir ver a tinta descamar-se nas coberturas dos motores. Os grandes lemes de direção exibiam o símbolo da *Traktionstadtsgesellschaft*; uma manopla cerrada dentro de uma roda. Theo deu por si quase a admirar a coragem daqueles aviadores, que se haviam metido tão profundamente em território Antitracionista nos seus dirigíveis inconfundíveis.

Ele lançou o planador para trás e parou a meio do ar, como aprendera quando era mais novo, planando nas correntes térmicas sobre o lago Liemba com os amigos da escola. Desta vez, porém, desceu não para a água mas para o topo duro e arqueado do balão do dirigível. O barulho da queda pareceu-lhe terrivelmente alto, mas Theo disse para consigo que os homens na barquinha nada teriam ouvido além do ronco dos grandes motores. Soltou-se do arnês e tentou meter o planador por baixo dos cabos que se estendiam pela superfície do balão, mas o vento apanhou as asas e ele teve de as largar para não ser arrastado. Agarrou-se aos cabos e viu o planador tombar para trás sem poder fazer nada.

Theo perdera o único meio de fuga, mas antes que pudesse preocupar-se com isso, uma escotilha abriu-se de repente a seu lado e ele viu uma cabeça com capacete de pele a fitá-lo através de óculos protetores coloridos. Afinal, sempre o tinham ouvido. Atirou-se para a frente, e ele e o aviador caíram juntos pela escotilha e por uma pequena escada para um passadiço de metal entre dois dos cilindros de gás do dirigível. Theo levantou-se apressado, mas o aviador permaneceu imóvel, atordoado. Era uma mulher; tailandesa ou lauciana, pelo aspeto. Theo nunca ouvira falar de orientais a combater pelas *Traktionstadts*. No entanto, ali estava ela, num dos uniformes cidadãos, voando em direção a Zagwa num dirigível cidadão carregado de foguetões.

Era um mistério, mas Theo não tinha tempo para pensar nisso. Amordaçou a aviadora com o lenço que esta trazia ao pescoço, tirou-lhe a faca do cinto e cortou um bocado de corda da rede em volta

dos cilindros de gás que usou para lhe atar as mãos ao corrimão do passadiço. Ela acordou quando ele dava os últimos nós e começou a debater-se, olhando-o furiosa através dos óculos partidos.

Theo deixou-a a contorcer-se junto ao corrimão e correu pelo passadiço para outra escada, descendo por entre as sombras dos cilindros de gás. O ruído dos motores ressoava à sua volta, abafando rapidamente os palavrões amordaçados vindos de cima. Quando entrou na barquinha, a luz das janelas ofuscaram-no. Piscou os olhos e viu o piloto aos comandos, de costas para ele.

— Que foi? — perguntou o homem, em esperanto aéreo. (Esperanto aéreo? Era a língua franca dos céus, mas Theo julgara que as *Traktionstadt*s usassem o alemão...)

— Um pássaro? — insistiu o homem, fazendo qualquer coisa aos comandos, e voltou-se. Também era oriental. Theo empurrou-o contra a antepara e mostrou-lhe a faca.

Lá fora, a cidade revelava-se além de um contraforte das montanhas. A tripulação do Supermosquito da frente, não fazendo ideia do que acontecia a bordo da nave gémea, virou os lemes e começou a descer em direção à cidadela.

Forçando o piloto a sentar-se, Theo procurou os comandos do rádio. O aparelho era idêntico ao da cabina do Derrubante que pilotara para a Storm. Berrou para o microfone: «Zagwa! Zagwa! Estão a ser atacados! Dois dirigíveis! Eu estou no detrás!», acrescentou depressa, quando tufos de fogo antiaéreo desataram a explodir no céu à sua volta, e estilhaços matraquearam a barquinha blindada e racharam as vidraças.

O piloto escolheu esse momento para tentar lutar, saltando da cadeira e marrando com força nas costelas de Theo. Este deixou cair o microfone e o piloto agarrou-lhe a mão que segurava a faca. Lutaram pelo domínio da faca, até que de repente apareceu sangue por todo o lado, e Theo olhou e percebeu que era o seu. O piloto voltou a esfaqueá-lo, e Theo gritou de ira, de medo e de dor, tentando desviar a lâmina. Fitando o rosto furioso e cerrado do adversário, nem sequer reparou no dirigível que explodia à sua frente em chamas cor de açafraão. A onda de choque surgiu de surpresa, estilhaçando todas as janelas da barquinha ao mesmo tempo; e depois os destroços batendo e sacudindo o balão. Uma pá da hélice soltou-se e rasgou a barquinha de uma ponta à outra, como uma foice. O piloto caiu às cambalhotas pelo rasgão enorme na parede lateral, deixando Theo com uma imagem residual dos seus olhos incrédulos e esbugalhados.

Theo precipitou-se para o rádio e agarrou no microfone caído. Não sabia se ainda estava a funcionar, mas, mesmo assim, pôs-se a gritar, até que a exaustão, o terror e a perda de sangue o venceram. A última coisa que ouviu, ao escorregar para o convés, foi uma voz a dizer-lhe que a ajuda ia a caminho. Duas plumas de fumo elevavam-se da cidadela. Por cima, azuis como donzelinhas, os dirigíveis da Frota Aérea de Zagwa subiam para o céu dourado.